

VIVÊNCIA E LUDICIDADE: DIALOGANDO COM A FORMAÇÃO DOCENTE?

EXPERIENCE AND LUDICITY: DIALOGUE WITH TEACHER TRAINING?

EXPERIENCIA Y LUDICIDAD: ¿DIÁLOGO CON LA FORMACIÓN DE DOCENTES?

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz¹0000-0002-1383-8641

Lúcia Gracia Ferreira²0000-0003-3655-9124

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia–Itapetinga, Bahia, Brasil; ritasouza@uesb.edu.br

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia–Itapetinga, Bahia, Brasil; lucia.trindade@uesb.edu.br

RESUMO:

O estudo trata de uma discussão teórica dos conceitos de Vivência e Ludicidade a partir da compreensão do ato de ensinar como atividade lúdica. Objetivou analisar o conceito de ludicidade estabelecido por Cipriano Luckesi como um estado de vivência proposto por Lev S. Vigotski, a partir da perspectiva histórico-cultural. A pesquisa de cunho bibliográfico foi realizada, a partir da seleção de textos que permitiram um estudo conceitual de vivência e sua proximidade com o conceito de ludicidade. Como fontes da pesquisa foram utilizadas obras dos respectivos autores, com indicativo dos conceitos abordados. A definição proposta por Luckesi como uma experiência subjetiva dialoga com o termo vivência adotado por Vigotski. O ato de ensinar pode ser uma configuração desse estado: se a vivência é uma relação interna do sujeito com o momento da realidade, no caso o ato de ensinar, então a ludicidade manifesta-se exteriormente pelo prazer no que se faz. A condição subjetiva do sujeito no espaço/tempo escolar e as manifestações oriundas do ato de ensinar podem ser compreendidas como uma atividade lúdica: uma experiência plena interna que o próprio professor – sujeito da ação – pode torná-la uma experiência lúdica para si.

Palavras-chave: ludicidade; educação; subjetividade.

ABSTRACT:

The study deals with a theoretical discussion of the concepts of Experience and Ludicity from the understanding of the act of teaching as a ludic activity. It aimed to analyze the concept of ludicity established by Cipriano Luckesi as a state of experience proposed by Lev S. Vigotski, from the historical-cultural perspective. Bibliographical research was carried out, based on the selection of texts that allowed a conceptual study of experience and its proximity to the concept of playfulness. As sources of the research, works of the respective authors were used, with indication of the approached concepts. The definition proposed by Luckesi as a subjective experience dialogues with the term experience adopted by Vygotsky. The act of teaching can be a configuration of this state: if the experience is an internal relationship of the subject with the moment of reality, in this case the act of teaching, then playfulness is manifested externally by the pleasure in what is done. The subjective condition of the subject in the school space/time and the manifestations arising from the act of teaching can be understood as a ludic activity: a

full internal experience that the teacher himself – the subject of the action – can turn into a ludic experience for himself.

Keywords: ludicity; education; subjectivity.

RESUMEN:

El estudio trata de una discusión teórica de los conceptos de Experiencia y Ludicidad a partir de la comprensión del acto de enseñar como actividad lúdica. Tuvo como objetivo analizar el concepto de ludicidad establecido por Cipriano Luckesi como estado de experiencia propuesto por Lev S. Vigotski, desde la perspectiva histórico-cultural. Se realizó una investigación bibliográfica, a partir de la selección de textos que permitieron un estudio conceptual de la experiencia y su proximidad al concepto de lúdica. Como fuentes de la investigación se utilizaron obras de los respectivos autores, con indicación de los conceptos abordados. La definición propuesta por Luckesi como experiencia subjetiva dialoga con el término experiencia adoptado por Vygotsky. El acto de enseñar puede ser una configuración de este estado: si la experiencia es una relación interna del sujeto con el momento de la realidad, en este caso el acto de enseñar, entonces la lúdica se manifiesta externamente por el placer de lo que se hace. La condición subjetiva del sujeto en el espacio/tiempo escolar y las manifestaciones derivadas del acto de enseñar pueden entenderse como una actividad lúdica: una experiencia interna plena que el propio docente–sujeto de la acción– puede convertir en experiencia lúdica para el mismo.

Palabras clave: ludicidad; educación; subjetividad.

Introdução

O estudo trata de um ensaio teórico sobre o conceito de vivência por Vigotski (2010/1935), alinhado com o de ludicidade cunhado por Luckesi (1998, 2000, 2005). Propomos uma reflexão do conceito de vivência, tomando como elemento impulsionador as relações interpessoais vivenciadas na ludicidade, tendo como foco viabilizar um diálogo com conceitos que dizem muito sobre a condição subjetiva do sujeito. Tem como objetivo geral analisar o conceito de ludicidade estabelecido por Luckesi (1998, 2000) como um estado de vivência proposto por Lev S. Vigotski, a partir da perspectiva histórico-cultural, buscando identificar a possibilidade de aproximação dos termos ludicidade e vivência como uma relação interna do sujeito com o momento da realidade e analisar se a ludicidade pode ser identificada como um estado de vivência a partir do conceito proposto por Lev S. Vigotski.

A pesquisa de cunho bibliográfico foi realizada, a partir da seleção de textos que permitiram um estudo conceitual de vivência e sua proximidade com o conceito de ludicidade. Como fontes da pesquisa utilizamos obras de Vigotski (Obras Escogidas IV, 1996 e Quarta aula: A questão do meio na pedologia, 1935/2010), com indicativo do conceito de vivência de forma mais sistemática para delimitação do foco central desse recorte e, para o conceito de ludicidade utilizamos o conceito descrito por Cipriano Luckesi (Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna, 2005 e Desenvolvimento dos estados

de consciência e ludicidade, 1998). A leitura do marco da referência (escritos com apresentação dos conceitos) delimitou a análise do objeto de investigação: diálogo entre os conceitos de vivência proposto por Vigotski a partir da compreensão do termo ludicidade.

Os resultados construídos a partir da investigação bibliográfica culminaram na discussão, considerando os textos/obras dos autores Vigotski e Luckesi, bem como seus respectivos conceitos conforme quadro 1.

Quadro 1. Objeto e identificação dos conceitos de vivência e ludicidade apresentados pelos autores nos textos.

Autor	Natureza	Objeto	Identificação
VIGOTSKI	Ontológica (processo psíquico) Metodológica (teoria e método)	Influência do meio no desenvolvimento psicológico e no desenvolvimento de sua personalidade consciente	Unidade da consciência
LUCKESI	Ontológica	Desenvolvimento dos estados de consciência, através da atividade lúdica	Plenitude da experiência

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Filosoficamente, os autores cunham conceitos que contribuem para a compreensão do desenvolvimento, bem como de processos constitutivos do sujeito. A similaridade dos conceitos na relação interna do sujeito com o momento da realidade também pode ser observada: a vivência como unidade de experiência e ludicidade como plenitude da experiência. Assim, a vivência (*pereživânie*)¹ passa a ser, portanto um constructo de natureza tanto ontológica (como um processo psíquico) quanto metodológica (teoria e no método de análise e intervenção clínica) conforme Vigotski (1996), visto ser a ludicidade uma experiência, a qual culmina em estado de vivência.

O conceito de vivência, nas obras vigotskianas analisadas, não reduz o sujeito ao momento da investigação, dando margem a uma compreensão da ação no meio de forma muito mais profunda e multiforme. Sua lógica é dialética, pois observa o homem em permanente movimento (VIGOTSKI, 1996, 1935/2010). A vivência é, portanto, uma das dimensões metodológicas destinadas à descrição da relação sujeito-objeto, relação essa indispensável para o desenvolvimento e os processos constitutivos do sujeito.

¹*Pereživânie* não é um termo que se apresenta incidentalmente na obra vigotskiana. Na literatura de Vigotski (1916-1925/1986; 1933-1934/2001; 1935/2010), ele atravessa a sua obra e adquire uma história própria, constituída numa interlocução textual com diversos outros autores, sobretudo russos e alemães.

Relações terminológicas?: vivência e ludicidade

Em seu manuscrito sobre a psicologia concreta do homem, Vigotski (2000) evidencia a natureza histórica e social do desenvolvimento psicológico e afirma que o homem é a totalidade das relações sociais deslocadas para a esfera interior. Para o autor, toda função psicológica superior foi antes externa, ou seja, foi social na sua origem. Nesta afirmação, está implícito o conceito de internalização, considerado por Vigotski (1998) como um processo que corresponde à própria formação da consciência; é um processo de constituição da subjetividade a partir das situações de intersubjetividade. A passagem do nível interpsicológico para o nível intrapsicológico envolve relações interpessoais densas, mediadas simbolicamente. Sendo assim, a internalização das relações sociais corresponde o processo de constituição das funções psicológicas superiores (VIGOTSKI, 1989, 1995).

Dessa maneira, a pessoa se constitui nas relações sociais e, portanto, esse pode ser o sentido do proposto por Vigotski de que “passamos a ser nós mesmos através dos outros” (VIGOTSKI, 1995, p. 149). Isso representa que a personalidade é para si através do que significa para os outros. Em síntese, essa construção do sujeito é um processo histórico e social, dado através dos processos de significação, mediados pela linguagem, constituindo diversas formas de sentir, pensar e agir.

Segundo Toassa e Souza (2010) a linguagem representa a tomada de consciência e vivência, isto é, a generalização das vivências na linguagem é “central para a tomada de consciência” (TOASSA; SOUZA, 2010, p. 770). Para as autoras, o fato de as vivências se tornarem objeto da linguagem é um aspecto emergente no desenvolvimento que exerce uma transformação significativa nas relações sociais; “atribui sentidos e adquire conceitos sobre seus afetos peculiares e, na perspectiva histórico-cultural, esse é o principal fundamento do processo de tomada de consciência” (p. 770). A linguagem, segundo Vigotski (1996), é um meio de comunicação que leva a designar e expressar verbalmente os estados internos, produzindo desse modo a generalização do processo interno.

Destarte ser, este, o ponto inicial para compreensão da proposição de Luckesi (2005, p.3) que ludicidade é “um fenômeno interno do sujeito, que possui manifestações no exterior”, como uma experiência subjetiva, dialogar com o termo vivência adotado por Vigotski. A vivência, na definição de Vigotski (2010) passa a ser uma:

[...] unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as

particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitucionais que possuem relação com dado acontecimento. Desta forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência (p. 686).

Consideramos então, apoiados em Vigotski (1996), que a vivência passa a ser algo intermediário entre a personalidade e o entorno; uma relação da personalidade com o meio. O sujeito constrói significados sobre o momento dado do meio para a personalidade.

Outro ponto para a compreensão da vivência refere-se a quando Vigotski afirma “me relaciono comigo como as pessoas relacionaram-se comigo” (2000, p. 25), percebemos a importância das vivências na construção da visão sobre as relações, a partir do olhar do outro, configurando, dessa forma, uma rede de significações. É através da relação com o outro que o homem se torna um ser humano pertencente a uma determinada cultura, com a linguagem, os conhecimentos, os valores e afetos próprios dessa cultura. A generalização das vivências na linguagem, central para a tomada de consciência, exerce uma transformação significativa nas relações sociais: o sujeito torna-se consciente não apenas dos objetos e das outras pessoas, mas também de si mesmo (VIGOTSKI, 1996).

Nesse sentido, a vivência deve ser entendida como a relação interior do sujeito como ser humano, com um ou outro momento da realidade (VIGOTSKI, 2010), pois toda vivência é a vivência de algo. O autor considera, ainda que a vivência é pessoal. Por isso é uma unidade de consciência. A vivência é como o sujeito toma consciência e concebe certa experiência; como se relaciona afetivamente com certo acontecimento. Consideramos que a vivência engloba tanto a tomada de consciência quanto a relação afetiva com o meio e da pessoa consigo mesma, pela qual se dispõem, na atividade consciente, a compressão dos acontecimentos e a relação afetiva com eles.

Do ponto de vista psicológico a fronteira das vivências implica, pois, em duas dimensões fundamentais, frente a um evento, emergentes com a diferenciação externa e interna da personalidade, como por exemplo: vivências marcadas por uma base perceptual na realidade (externa) ou no próprio sujeito, isto é, marcadas pela referência a objetos externos ou ao próprio corpo/processos mentais singulares ao sujeito, como processos distintos, mas articulados, pelos quais o indivíduo conscientiza-se de si próprio no mundo (VIGOTSKI, 1996). Qual seja, a apreensão da realidade ou de si mesmo (do próprio corpo ou dos processos psicológicos como representações, afetos etc.); a consciência das vivências não é, pois, mais do que a tomada de consciência (ou seja, uma relação de compreensão) pelo sujeito deste processo que pode estar

predominantemente num pólo ou noutro. O trecho “Sin embargo, hemos visto ya que la conciencia de la realidad y la autoconciencia de la personalidad también se apoyan en la experiencia interna y externa sistematizada en conceptos [...]” (VIGOTSKI, 1996, p.185) permite essa conclusão.

Para Vigotski (1989), as origens das formas superiores de comportamento consciente deveriam ser encontradas nas relações sociais que o sujeito estabelece com o mundo exterior. A unidade sistêmica da consciência e também da relação personalidade-meio (vivência - unidade dinâmica que contém o meio e a personalidade do sujeito) é, a princípio, "campo psicológico" que contém sujeito e meio, referindo-se a uma relação interior e pessoal deste com o meio, englobando o processo de tomada de consciência como uma das formas de relação com o mundo. Nesse caso, a ludicidade passa a ser o objeto desse movimento afetivo, fato que não podemos deixar de considerar: a condição de existência do sujeito.

A ludicidade pode ser caracterizada como “a experiência de plenitude que ela possibilita a quem vivência em seus atos. A experiência pessoal de cada um de nós pode ser um bom exemplo de como ela pode ser plena quando a vivenciamos com ludicidade” (LUCKESI, 2005, p.2). Um pertencer a dimensão subjetiva individual.

Partindo dessa compreensão a ludicidade, então, é permeada por um investimento afetivo por parte do sujeito nas suas relações interpessoais. Isso representa que se a vivência é uma relação interna do sujeito com o momento da realidade (estabelecido através das/nas relações), então a ludicidade manifesta-se exteriormente pelo prazer no que vivencia, realiza. Ou seja, configura dois movimentos (vivência e ludicidade) em um mesmo processo.

O desenvolvimento individual faz parte da história pessoal através do processo de interação com o mundo e com os outros, constituindo, assim a individualidade, marca de nossa centralidade na vida (LUCKESI, 1998). Luckesi (2005) conceitua o fenômeno da ludicidade como uma experiência interna do sujeito que a vivencia.

Isso pode ser compreendido na fala de Luckesi (2005): “enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis” (p. 2). O autor complementa ainda ao propor: “ludicidade, a meu ver, é um fenômeno interno do sujeito, que possui manifestações no exterior. Assim, ludicidade foi e está sendo entendida por mim a partir do lugar interno do sujeito” (p.3). Compreendemos, dessa forma, que saber como o estado de consciência é, requer uma vivência, isto é, para dar ciência do que é o ato precisa vivenciá-lo.

Para Vigotski (1996), portanto, a vivência estabelece de que modo influi sobre o desenvolvimento do sujeito um ou outro aspecto do meio. Assim, o essencial não é a situação em si, mas o modo como o sujeito vive dada situação, sendo que o vivenciar implica o modo como ele se apropria do que é vivido e de como ele lhe atribui sentido. Significa que:

[...] na vivência se reflete, por uma parte, o meio em sua relação comigo e o modo que o vivo e, por outra, se põem em manifesto as peculiaridades do desenvolvimento do meu próprio “eu”. Em minha vivência se manifestam a medida que participam todas as minhas propriedades que se formaram ao longo de meu desenvolvimento em um momento determinado (VIGOSTKI, 1996, p. 383, tradução das autoras).

Isso ocorre pelo fato de Vigotski (2010) caracterizar a vivência como um estado psicológico pela presença de sensações ou sentimentos vividos por alguém. Então, a vivência, assim como a ludicidade é um processo psicológico implicado no próprio fato de existir. Uma existência configurada em dimensão individual que é ao mesmo tempo interna e externa. Daí entendermos a ludicidade nesse movimento:

Deste modo, quando estamos definindo ludicidade como um estado de consciência, onde se dá uma experiência em estado de plenitude, não estamos falando, em si, das atividades objetivas que podem ser descritas sociológica e culturalmente como atividade lúdica, como jogos ou coisa semelhante. Estamos, sim, falando do estado interno do sujeito que vivencia a experiência lúdica. Mesmo quando o sujeito está vivenciando essa experiência com outros, a ludicidade é interna; a partilha e a convivência poderão oferecer-lhe, e certamente oferece, sensações do prazer da convivência, mas, ainda assim, essa sensação é interna de cada um, ainda que o grupo possa harmonizar-se nessa sensação comum; porém um grupo, como grupo, não sente, mas soma e engloba um sentimento que se torna comum; porém, em última instância quem sente é o sujeito (LUCKESI, 2005, p. 6).

A ludicidade é a experiência transformada em vivência. A vivência, encontro de formas e conteúdos psicológicos e unidade entre sujeito e objeto, é a dimensão da experiência da ludicidade. Isso pode ser mais perceptível quando relacionamos por exemplo, a ludicidade no ato de ensinar. A intensidade das emoções e sentimentos, agradáveis ou desagradáveis, produzidos nas práticas pedagógicas, possibilita a aproximação ou afastamento dos elementos (professor, aluno, conhecimento) que se relacionam no processo de ensinar: a maneira como cada professor manifesta a sua relação com o objeto de conhecimento e com a própria docência, produz sentimentos que aproximam ou afastam da atividade docente. Nesse momento de reflexão ressalta-se também a relevância para a dimensão afetiva da atividade laboral, tornando-se satisfatória. O professor também é uma pessoa completa com afeto, cognição e movimento, afetado pelas relações oriundas de com quem se relaciona e, ao propiciar um ambiente mais adequado ao desenvolvimento desse aluno, promove, também, modificações no desempenho de seu papel.

Nesse sentido, o ato de ensinar pode passar a atingir no docente um estado pleno, o que caracteriza o estado de ludicidade. Portanto, nessas vivências o trabalho pode ser compreendido como uma atividade lúdica mediante o prazer proporcionado ao ensinar quando o professor vivencia esse ato. Constatamos, então, que o que é lúdico para um docente pode não ser para outro. Na relação com o trabalho há um investimento afetivo por parte do docente, quer seja na relação estabelecida com os alunos, quer na relação estabelecida com o fazer pedagógico. O ato de ensinar pode ser uma representação desse estado: se a vivência a ludicidade é uma relação interna do sujeito com o momento da realidade, esta última pode se manifestar exteriormente pelo prazer no que se faz, no caso, o ato de ensinar. Se para um docente é uma vivência oriunda de manifestações de insatisfação, desconforto, desprazer pelo que faz, podemos constatar que não é uma atividade lúdica.

A ludicidade, proposta por Luckesi (2005) como experiência lúdica pode ser compreendida como uma vivência tal como definida por Vigotski (2010/1935). Como dito anteriormente a ludicidade, oriunda de uma relação experiencial que se transforma em vivência, envolve elementos existentes para determinar a influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento de sua personalidade consciente é a vivência. A vivência de uma situação qualquer (estamos relacionando aqui a situação com o ato de ensinar), a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influência essa situação ou esse meio exercerá no sujeito: a forma como o professor toma consciência e concebe, de como ele se relaciona afetivamente para com a atividade, pois "na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência" (VIGOTSKI, 2010/1035, p. 686). A vivência passa a ser a unidade de elementos do meio e de elementos da personalidade. A vivência é a vivência de algo. Podemos comparar que é um algo como uma experiência lúdica.

A vivência possui uma orientação biossocial, é algo intermediário entre a personalidade e o meio, que significa a relação da personalidade com o meio, revela o que significa o momento dado do meio para a personalidade. Retomando a ideia, a vivência determina de que modo influi sobre o desenvolvimento do sujeito um ou outro aspecto do meio.

Por fim, destacamos o entendimento de que a experiência lúdica, aqui chamada de ludicidade, é uma vivência:

[...] uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência (VIGOTSKI, 2001, pp. 80-81)

Considerando, ainda que a vivência tome lugar no tempo, pode ter início e fim, pode ficar mais ou menos intensa, pode ir e vir. A ludicidade, como experiência lúdica, exige, segundo Luckesi (2000), uma entrega total do ser humano, corpo e mente, ao mesmo tempo. Não há divisão; as próprias atividades lúdicas, por si mesmas, conduzem para esse estado de consciência. Na atividade lúdica não haverá lugar para outra coisa a não ser para o prazer e a alegria do ato em si (LUCKESI, 2000). Por fim, isso configura a um estado de vivência.

Relações formativas?: vivência e ludicidade

Desse modo, a definição proposta por Luckesi como ludicidade dialoga com o termo vivência adotado por Vigotski. O que para Luckesi é uma experiência subjetiva para Vigotski é vivência, que é subjetiva. Assim, a vivência e a ludicidade se dão na relação com o meio; para Vigotski, na relação do objeto com o meio; para Luckesi, na relação do sujeito com a atividade. Ambos os autores, cada uma em sua área e com seu aporte teórico, tomam estes termos como condição subjetiva do sujeito no espaço/tempo e, na área de educação, podemos entender que as manifestações oriundas do ato de ensinar podem ser compreendidas como atividades. Desse modo, esta atividade, sendo uma experiência plena do próprio professor – sujeito da ação – pode torná-la uma experiência lúdica para si.

Assim, a ideia tanto de um autor quanto do outro não nascem na educação, mas podem ser nela e em outras áreas concretizadas, portanto não é uma ação só do professor, mas compreendemos que é um recorte interessante para estudo. Com isso, a formação docente pode ser beneficiada se considerar, conforme Pereira (2020), a ludicidade como fenômeno formativo. Pereira (2020) realizou um estudo que analisou a(s) concepção(ões) de ludicidade presente(s) na formação inicial de estudantes de Pedagogia e constatou que a concepção predominante é a que a vincula a jogos e brincadeiras, portanto, permeia a formação de professores como recurso didático e/ou instrumento utilitarista.

O estudo aqui realizado contribui, com pistas, de como este fenômeno formativo pode proceder; aponta caminhos. Aqui no caso:

1) Ao relacionar Vigotski e Luckesi, a partir da vivência e da ludicidade, a disciplina de Psicologia da Educação agrega mais um atributo de interlocução com a formação docente e a aplicabilidade dos termos relacionados no ensino desta disciplina. Esta é uma disciplina comum nas licenciaturas, portanto, é preciso considerar o currículo como um recurso viável

para proporcionar aos alunos o contato com a ludicidade como vivência, aquela que é estado de consciência. O currículo precisa abarcar a diversidade, como aponta Silva e Ferreira (2020), e a ludicidade é um desses aspectos. Remetemos a disciplina de Psicologia da Educação como possibilidade por ela abarcar os estudos sobre Vigotski, assim, já se é possível atuar relacionando vivência e ludicidade na aprendizagem e no desenvolvimento humano.

2) Esta articulação que aponta para a proximidade dos termos e do estado indica também para uma concepção que foge daquilo que é lúdico como sendo jogos e brincadeiras por si só. Portanto, considera como um estado relacional, com isso, pode permear transversalmente os Cursos de Licenciaturas. Dessa forma, o currículo é novamente aclamado como elemento de difusão da ludicidade, mas a prática aqui também se importa. Guimarães e Ferreira (2022a) constataram, em pesquisa realizada, que no desenvolvimento da prática pedagógica de professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a ludicidade era tomada apenas como recurso pedagógico e metodológico na condução da aula, o que dificultava estabelecer e compreender a ludicidade como relação. É preciso compreender que, mesmo como recurso, a ludicidade como estado de plenitude pode se fazer presente se os sujeitos que participam da atividade estiverem inteiros no desenvolvimento da mesma. Para transversalizar a ludicidade pode se ancorar no currículo, nas práticas, nas atividades e se relacionar com todos eles.

3) Este permear transversalmente caracteriza vivência e ludicidade como sendo dimensional, por isso, cabe ser transversalizada, pluralizada e multirreferenciada na formação docente. A dimensão lúdica é referenciada, inclusive nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada (BRASIL, 2015) como uma das que compõe a multidimensionalidade e interdisciplinaridade da formação docente. Ela deve ser tomada como um aspecto plural, componente da diversidade que pode ser transversalizada a partir de qualquer área de conhecimento, sendo, portanto, bem propício no âmbito da formação de professores.

4) Como tal, também coloca os termos (vivência e ludicidade) como sendo de cunho abstrato, concretizados a partir da relação, do estímulo e da historicidade/individualidade. No campo da formação e das práticas pedagógicas essa perspectiva é constatada nos estudos de Ferreira (2015; 2020), Ferraz e Ferreira (2019), Pereira (2020), Guimarães (2021), Guimarães e Ferreira (2022a; 2022b; 2022c) entre outros. O estado de ludicidade é interno, externalizado nas atividades, portanto é abstrato; fora da realização de alguma atividade ela não se concretiza,

portanto ela é relacional, relaciona-se com o meio e a atividade; as atividades a serem realizadas, que podem ser lúdicas ou não, partem sempre de um estímulo que é intrínseco ou extrínseco. Nós como humanos temos uma historicidade que carrega muito de nossas individualidades e coletividades, a ludicidade também se ancora na história de cada um e como o sujeito se relaciona com ela. Assim, “[...] compreendemos que nossas concepções e crenças não são cristalizadas, elas podem sofrer reformulações mediante as **novas vivências e experiências através dos nossos percursos formativos, que podem ser pessoal e profissional**” (GUIMARÃES; FERREIRA, 2022c, p. 14, grifo nossos). O ato de ensinar e de formar, ou de vivenciar o ensino e a formação carregam crenças que podem ser conduzidas pela nossa historicidade e também transformadas por ela. Dessa forma, este é um aspecto muito importante no âmbito da formação.

5) Com esse nível de abstração, vivência e ludicidade conseguem permear as disciplinas do currículo e contribuir na produção do conhecimento. Para tal, a ludicidade precisa se ancorar no campo epistemológico, mas consideramos que ela se ancora em vários, sendo: Sociologia (Gilles Brougère; Gilles Lipovetsky; Byung Chul Han); Psicologia Positiva: Elokhin, Mihaly (Flow - Mihaly Csikszentmihalyi); Psicologia Histórico-cultural (Lev S. Vigotski); Filosofia (Cristóbal Hozalpfer) entre outros. Mineiro (2021; 2022) já sinalizava a ludicidade como um elemento multirreferencial que é aqui, neste texto, apontado por nós também dessa forma, e que tem potencial na produção de conhecimento de várias áreas, portanto, vinculada a mais de um campo epistemológico.

Luckesi (2022) ressalta que a ludicidade se encontra no espectro das áreas de conhecimento, na vida cotidiana e na prática educativa. Cabe a nós desenhar caminhos para que a ludicidade esteja no cerne da formação de professores como vivência e como sendo cotidiana. Que formação é essa? Conforme Ferreira (2020, p. 423):

É a formação almejada, que considera o sujeito em formação em sua integralidade, ao mesmo tempo em sua incompletude; que mesmo num panorama de precarização do trabalho docente, valoriza o profissional que está sendo formado porque este é o sujeito que, futuramente, enfrentará isso, do contexto de atuação; que é capaz de lidar com os desafios impostos pela contemporaneidade, sejam referentes as demandas emocionais, as atitudes ou ao fazer; é aquela que não é vista/tomada como um conjunto de disciplinas que devem ser cumpridas, mas como a que promove encontros e reencontros; que encanta e reencanta. Essa é a formação de professores que almejamos.

A ludicidade pode contribuir para a mudança. A ludicidade precisa ser concebida nos cursos de licenciatura como este estado interno, como a vivência, que é relacional, contextual, individual, cultural, para então poder sobressair na formação docente, moldando/influenciando

o estado de consciência. Condição essa que possibilita contribuir para uma mudança de um estágio, ocupado pelos professores, de simplismo pedagógico para algo maior que, de fato, estimule e desperte mudanças. Estudos (FERRAZ; FERREIRA, 2019; MINEIRO; D'ÁVILA, 2019; CRUZ; SILVA; SILVA, 2019; GUIMARÃES; FERREIRA, 2020; SILVA; FERREIRA; SILVA, 2020; MINEIRO; MOREIRA, 2020; FERRAZ, Rita; FERREIRA, 2021; FERRAZ, Roselane; FERREIRA, 2021; GUIMARÃES, 2021) mostram a potência da ludicidade na área de ensino e da formação de professores como estado de plenitude e a necessidade de expansão da mesma. Dessa forma, remetemos, na formação de professores, a necessidade de se pensar na promoção de uma formação potencialmente lúdica.

Conclusões

A definição proposta por Luckesi como uma experiência subjetiva dialoga com o termo vivência proposto por Vigotski e a condição subjetiva do sujeito no espaço/tempo escolar e as manifestações oriundas do ato de ensinar podem ser compreendidas como uma atividade lúdica: uma experiência plena interna que o próprio professor – sujeito da ação – pode torná-la uma experiência lúdica para si. A aproximação dos termos ludicidade e vivência como um estado interno reflete a necessidade de avanços nas discussões, principalmente para a formação de professores, destacando e incluindo elementos como subjetividade e ludicidade, necessários ao exercício da docência (analisado como atividade lúdica) e do desenvolvimento do professor no seu fazer pedagógico.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Resolução CNE/CP nº 2**, de 1 de julho de 2015. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Diário Oficial da União: Brasília, DF, seção 1, n. 124, p. 08-12, 2 jul. 2015.

CRUZ, Lorames Bispo dos Santos; SILVA, Maria A. Alves da; SILVA, Mônica Gomes Albergaria A. A Ludicidade se faz presente: caminhos teórico-práticos que conduzem o fazer da ação humana. In: ANDRADE, Dídima Maria de Mello; ABREU, Roberta (Org.)

Formação de professores e ludicidade: sobre sonhos possíveis. Curitiba: CRV, 2019. p. 117-134.

FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento; FERREIRA, Lúcia Gracia. O ato de ensinar como estado de ludicidade. In: ANDRADE, Dídima Maria de Mello; ABREU, Roberta (Org.). **Formação de professores e ludicidade**: sobre sonhos possíveis. Curitiba: CRV, 2019. p. 77-86.

FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento; FERREIRA, Lúcia Gracia. Vivência e ludicidade: diálogos possíveis numa perspectiva histórico-cultural. In: IX Encontro Nacional e

- II Encontro Internacional de Educação e Ludicidade (ENELUD), 9, 2021, Salvador-BA. **Anais [...]**. v. 9, Salvador-BA, UFBA, 2021, p. 448-452.
- FERRAZ, Roselane Duarte; FERREIRA, Lúcia Gracia. Práticas exitosas no ensino superior: um diálogo com a ludicidade. In: IX Encontro Nacional e II Encontro Internacional de Educação e Ludicidade (ENELUD), 9, 2021, Salvador-BA. **Anais [...]**. v. 9, Salvador-BA, UFBA, 2021, p. 372-377.
- FERREIRA, Lúcia Gracia. Formação de professores e ludicidade: reflexões contemporâneas num contexto de mudanças. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, v. 1, n. 2, 410-431. 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/7901>. Acesso em: 13 jan. 2021.
- FERREIRA, Lúcia Gracia. Os Ateliês Biográficos de Projeto e os processos formativos de professores: diálogos, (auto) biografia e ludicidade. **APRENDER** - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, Vitória da Conquista Ano IX n. 15 p.99-110 2015. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/2458>. Acesso em: 13 out. 2016.
- GUIMARÃES, Rafaela Sousa; FERREIRA, Lúcia Gracia. Formação lúdica: processos de construção da docência. In: CASTRO, Jacira Teixeira; GALVÃO FILHO, Teófilo; LUNA, Ana Virginia de Almeida; GALVÃO, Nelma de Cássia Silva Sandes. **Educação Científica, Inclusão e Diversidade**. Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2020. p. 171-182.
- GUIMARÃES, Rafaela Sousa; FERREIRA, Lúcia Gracia. Concepções de ludicidade: o que as professoras apresentam sobre o tema? **Revista Tempos e Espaços em Educação**. v. 15, n. 35, e17446, 2022. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/17446>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- GUIMARÃES, Rafaela Sousa; FERREIRA, Lúcia Gracia. Práticas Pedagógicas e Ludicidade: uma conexão com a sala de aula. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 12, n. 1, p. 01 - 25, 2022. Disponível: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1860>. Acesso em: 20 out. 2022.
- GUIMARÃES, Rafaela Sousa; FERREIRA, Lúcia Gracia. Formação potencialmente lúdica: um diálogo possível com a educação. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 48, e022018, p. 1-29, 2022.
- GUIMARÃES, Rafaela Sousa. **Formação lúdica, para que?** as concepções de ludicidade de professoras e o processo de construção da docência. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação Científica, Inclusão e Diversidade). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Feira de Santana-BA. 2021.
- LUCKESI, Carlos Cipriano. Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade. Interfaces da Educação, **Cadernos de Pesquisa** – Núcleo de Filosofia e História da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, vol. 2, no. 1, 1998.
- LUCKESI, Carlos Cipriano. Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese, **Educação e Ludicidade**, Coletânea Ludopedagogia Ensaios 01, FAGED/UFBA, 2000.
- LUCKESI, Carlos Cipriano. **Ludicidade e atividades lúdicas**: uma abordagem a partir da experiência interna. 25 nov. 2005.
- LUCKESI, Carlos Cipriano. **Ludicidade e atividades lúdicas na prática educativa**: compreensões conceituais e proposições. São Paulo: Cortez, 2022.
- MINEIRO, Márcia. **O essencial é invisível aos olhos**: a concepção dos estudantes sobre a mediação didática lúdica na educação superior. 2021. Tese. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.
- MINEIRO, Márcia. Ludicidade no Ensino Superior: representações Sociais Discentes. In: FERREIRA, Lúcia Gracia; SANTOS, Fábio Viana; FERRAZ, Roselane Duarte; SILVA,

Mara A. Alves da (Orgs.). **Ensino, diversidade e formação docente**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 183-202.

MINEIRO, Márcia; MOREIRA, Mônica Souza. Mapas Mentais e ludicidade na sala de aula universitária: criatividade, razão e sensibilidade no caminho da aprendizagem. In:

FERREIRA, Lucia Gracia; MINEIRO, Márcia; SILVA, Mara A. Alves de. **Docência universitária e formação docente: perspectivas, movimentos e inovação pedagógica**. 2020, p. 109-127.

MINEIRO, M.; D'ÁVILA, C. M. Ludicidade: compreensões conceituais de pós-graduandos em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, e208494, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/164076/157529>. Acesso em: 12 de ago. 2020.

PEREIRA, Anderson Silva. **Concepções de ludicidade presentes na formação inicial de graduandos em Pedagogia: perspectivando práticas formativas**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2020.

SILVA, Mara Aparecida Alves da; FERREIRA, Lúcia Gracia; SILVA, José Gilberto da.

Ludicidade e/ou lúdico no ensino de química: uma investigação nos trabalhos apresentados no ENEQ. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 11, n.4, p. 39-57, 2020. Disponível em: <https://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/index.php/rencima/article/view/2505>. Acesso em: 12 out. 2020.

SILVA, Saionara Souza; FERREIRA, Lúcia Gracia. Currículo e diversidade: um olhar crítico sobre a formação em pedagogia. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 7.7, p. 476-491, 2020. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2312>. Acesso em: 07 maio 2021.

TOASSA, Gisele; SOUZA, Marilene Proença Rebello. **As vivências: Questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski**. Psicologia USP, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 757-779. 2010.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Concrete Human Psychology. **Soviet Psychology**. XXII, v. 2, p. 53-77. 1989.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas III**. Madrid, Centro de Publicaciones del MEC y Visor Distribuciones. 1995.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas IV**. Madrid, Centro de Publicaciones del MEC y Visor Distribuciones, 1996.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade**, n. 71, p. 21-44. 2000.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Quarta aula: A questão do meio na pedagogia. (M. P. Vinha, trad.). **Psicologia USP**, v. 21, n. 4, p. 681-701 (Trabalho original publicado em 1935), 2010.

SOBRE O/AS AUTOR/AS

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UESB Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos Pedagógicos (CEPEP/CNPq/UESB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3806142815039886>

Lúcia Gracia Ferreira

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-doutorado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Itapetinga (UESB). Professora do Programa de Pós-Graduação

em Educação da UFBA e da UESB. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos Pedagógicos (CEPEP/ CNPq/UESB) e Docência, Currículo e Formação (CEPEP/ CNPq/UFRB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2208995326703695>

Como citar este artigo

FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento; FERREIRA, Lúcia Gracia. Vivência e Ludicidade: Uma relação possível na formação docente?. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 01, e11806, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v1.11806>